

TRADUÇÃO¹

Correspondência de Immanuel Kant a Christian Gottfried Schütz Final de novembro de 1785

IMMANUEL KANT

Introdução

A presente tradução da carta de Immanuel Kant (1724-1804) a Christian Gottfried Schütz (1747-1832), do final de novembro de 1785, é uma carta-resposta que possibilita a tomada de pé sobre um tema candente vinculado à *Crítica da razão pura* (1781/1787), o dos limites (*Grenze*) da razão. Em sua carta a Kant, a 13 de novembro de 1785, Schütz havia ponderado já a Kant, dizendo: “O Sr. Moses Mendelssohn também me enviou suas ‘*Horas Matinais*’ [*Morgenstunden*, 1785]. Não duvido que contenha algumas passagens encantadoras, mas estou convencido antecipadamente do que ele diz sobre a própria condição nervosa, de que não foi capaz de estudar os recentes desenvolvimentos da filosofia e que no seu livro não surgirão novos argumentos contra a *Crítica*. Dentro de alguns dias começarei eu próprio a trabalhar nisso. Aguardo com grande ansiedade o aparecimento dos vossos novos livros e desejo que a Páscoa já esteja aqui”.² De fato, apesar de toda sua contribuição filosófica, Mendelssohn (1729-1786), a essa altura, dava sinais de estafa em decorrência de ter de se defender dos ataques de Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819) que, na publicação das *Cartas sobre a Doutrina de Espinosa ao Sr. Moses Mendelssohn* (1785, primeira edição; a segunda, com novos Adendos, em 1789), havia criado o expediente de envolvê-lo – ele, Mendelssohn – no suposto testemunho de Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), colhido pouco antes de morrer, sobre sua conversão à doutrina de Espinosa, enquanto que Lessing e Mendelssohn eram ambos claramente herdeiros e depositários da vertente racionalista leibniziana. Em carta a Kant, a 16 de outubro de 1786, Mendelssohn ponderou o ato de Jacobi de trazer a público uma suposta conversa íntima com Lessing e que, envolvendo diretamente a Mendelssohn, sequer foi contatado ou mesmo consultado sobre a idoneidade dela para ser publicada. Essa conversa com Lessing é o conteúdo que compôs o livro de Jacobi, publicado pouco antes das “*Horas Matinais*”. Sobre isso se dirigiu Mendelssohn a Kant, dizendo:

O Sr. Jacobi se adiantou a mim e publicou um escrito sob o título *Cartas sobre a Doutrina de Espinosa ao Sr. Moses Mendelssohn*, contendo precisamente esse motivo – [o tratado na Segunda

¹ Tradução de TRUZZI, Ana Caroline; GRUMICKER, Fernando; DE SALLES, Olavo; TRUCCOLO, João Francisco de Oliveira de Oliveira; AVANCINI, Nicole Elouise; MACIEL, Jaqueline Neves; DE PAULA, Paula; SALLES, Rafaela Ortiz de; DALUZ, Daniel Du Sagrado Barreto; OLIVEIRA, João Paulo de. Revisão final de Prof. Dr. UTTEICH, Luciano Carlos

² KANT, 2005, p. 174-175. KANT, 1999, 235-236. KANT, 1969, X, 423-424.

Parte do livro 'Horas Matinais' (*Morgenstunden*), que detalha a justificação da doutrina de Deus].

Na sua escrita ele revela uma troca epistolar entre ele, uma terceira pessoa [Elisa Reimarus] e eu próprio, na qual confia para transformar o nosso Lessing em um espinosista confesso.

Jacobi afirma ter-lhe [a Lessing] mostrado anteriormente o espinosismo; Lessing teria descoberto que tudo está de acordo com os seus princípios, e teria ficado feliz por ter encontrado finalmente, após uma longa busca, um irmão no panteísmo que sabe como lançar uma luz tão bela sobre o sistema do tudo-um ou um-todo [Einallerlei].

Quanto à sua própria pessoa, ele por fim se retira para detrás dos cânones da fé, e encontra salvação e segurança num bastião [providenciado] pela beatífico [Johann Kaspar] Lavater [1741-1801], de cuja boca de "anjo puro" extrai, no final de seu escrito, uma passagem consoladora, que não me pode consolar em nada, porque não a compreendo.

A escrita [*Cartas sobre a Doutrina de Espinosa ao Sr. Moses Mendelssohn*] do Sr. Jacobi não é senão uma estranha mistura, um nascimento quase monstruoso: cabeça de *Goethe*, corpo de *Spinoza* e pés de *Lavater*.

Acho incrível que hoje em dia as pessoas pensem que qualquer pessoa tem o direito de publicar uma troca privada de cartas sem o consentimento dos correspondentes. Ainda mais: Lessing deveria ter-lhe confiado, nomeadamente Jacobi, que nunca tinha revelado a mim, o seu amigo filosófico de maior confiança durante 30 anos, os seus verdadeiros princípios filosóficos. Se isso fosse verdade, como poderia Jacobi ser levado a revelar o segredo de seu amigo falecido, revelá-lo não só a mim, mas a todo o mundo? Ele protege-se e deixa o seu amigo nu e indefeso em campo aberto, para ser objeto de agressão e zombaria dos seus inimigos. Não posso tolerar tal comportamento e pergunto-me o que pensam sobre ele os homens com sentido de justiça. Receio que a filosofia tenha os seus fanáticos [Schwärmerei], que são tão impetuosos na sua perseguição e estão quase mais direcionados ao proselitismo do que os fanáticos [Schwärmerei] da religião positiva.³

No ano seguinte (dia 04 de janeiro de 1786) faleceu Mendelssohn. Nesse ano Kant toma partido no debate pelo opúsculo *Que significa orientar-se no pensamento* (*Was heisst: sich im Denken orientieren*, 1786), no qual traz a posição da razão pura transcendental para avaliar as teses de Jacobi e Mendelssohn: enquanto desqualifica inteiramente o raciocínio anárquico-sonhador de Jacobi (um modo de pensar extravagante, por Kant cunhado de afetado *fanatismo genialoide* (*Genieschwärmerei*)]⁴, ele lança aos argumentos de

³ KANT, 2005, p. 171-172. KANT, 1999, p. 230-231. KANT, 1968, X, 413-414.

⁴ Essa expressão Kant a emprega em carta a Marcus Herz, a 7 de abril de 1786. Cf. KANT, 2005, p. 175. KANT, 1999, 251. KANT, 1969, X, 442.

Mendelssohn, por sua vez, apenas alguns apontamentos e ajustes. Em vista disso, ainda um ano antes, na carta-resposta a Schütz⁵, pode ser constatada, por isso, a valorização por Kant dedicada ao modo de Mendelssohn tematizar a razão (Vernunft) pela assunção da diferença, dos dois lados do limite, entre conhecer e pensar, na terminologia kantiana, entre objetos que têm significado transcendental (visto tratarem-se só de conceitos de pensamento, antes de razão) e objetos aos quais se deve fornecer realidade objetiva (objetos de conhecimento da natureza).

O tema da “ilusão da razão”, pelo qual Kant se refere a Mendelssohn na carta-resposta, aponta ao arco valorativo de a razão admitir e assumir um domínio dedicado exclusivamente a pensar (ao puro pensar), sem carecer para isso vincular tal pensamento a qualquer referência cognitiva (determinada). Em tal caso, o que se caracterizava como “ilusão” era a razão se esquecer de que está fazendo justamente um tal uso dos conceitos, isto é, um uso deles para o puro pensamento (meros ‘entes da razão’), vindo a exigir, em seguida, a determinação dele por puros conceitos, ao qual era impossível encontrar intuição correspondente. Neste sentido o pensamento sobre (o conceito de) Deus pode ser realizado e com isso ao mesmo tempo evitado que seja posta a perder a reflexão, já que tal pensamento é realizado no legitimado campo do puro pensamento, da pura razão.

Nesse contexto o elogio de Kant a Mendelssohn surge – na carta-resposta – fazendo referência à coragem do pensador judeu-alemão de admitir a necessidade desse estatuto puro do pensamento, prévio ao conhecimento, como necessidade legal da razão. Em vista disso não é de pouco significado o encômio feito a Mendelssohn, pensador símbolo da Haskalá (Iluminismo Judaico). Uma tal clareza de visão sobre a faculdade da razão, discutida por Mendelssohn nas *Horas Matinais* (1785) e debatida, em seguida, no opúsculo *Que significa orientar-se no pensamento* (1786), dará vigor ao desdobramento do tema da legitimidade da razão para pensar primeiramente em si própria (a si própria, isto é, em suas “necessidades subjetivas”), tão caro à primeira Crítica, para só posteriormente pensar objetos da natureza.

Para a tradução da presente carta-resposta servimo-nos das edições alemã e inglesa das correspondências de Kant, de cujo contraste extraímos – num trabalho de várias mãos – a melhor versão para o nosso idioma português. Vale mencionar, também, a recente publicação (ainda que não integral) do mencionado livro de Mendelssohn, o *Horas Matinais*, para o idioma espanhol –

⁵ A referida carta-resposta de Kant não aparece na compilação ao espanhol das correspondências (KANT, Immanuel. *Correspondencia*, 2005), traduzida por Mercedes Torreveano e publicada pela Institución “Fernando El Católico”. Por esse motivo fazemos referência apenas às edições alemã e inglesa.

‘Horas Matinales’ –, a cargo da tradutora e querida amiga Jimena Solé (UBA – Buenos Aires/ARG), o qual trazemos nas referências.

Enquanto esse trabalho de tradução realizado contempla uma entre as dez atividades-eixo no Programa Anual de Atividades do PET-Filosofia da Unioeste, campus Toledo, atesto que os alunos petianos desempenharam um trabalho assíduo de apropriação dos recursos do idioma alemão, de cujo empenho, por vários meses, participou a Profa. Cristiane Strenske, membra do Centro de Línguas (*CELing*) da UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon, a quem fica nosso agradecimento.

Tradução:

A Christian Gottfried Schütz (final de novembro, 1785)

Apesar de que o trabalho [*“Horas Matinais”*] do digno Sr. Mendelssohn se manteve, principalmente, como uma obra-mestra sobre as ilusões de nossa razão, quando ela sustenta as condições subjetivas de sua determinação dos objetos em geral como condições de possibilidade dos próprios objetos, [trata de] uma ilusão que, certamente, não é trabalho fácil representar em sua verdadeira constituição e libertar profundamente disso o entendimento.

214

Além disso, esse presente trabalho veio a ser aguçado e exemplarmente claro no que é dito, de novo, na teoria do conhecimento sobre a verdade, a aparência e erro, e que pode ser aplicado muito bem em toda conferência filosófica, pela sua segunda secção, que é de uso essencial na crítica da razão humana.

Pois, uma vez que o autor chega a concluir, finalmente, na exposição das condições subjetivas do uso de nossa razão, que nada é concebível sem ser realmente pensado por algum ser, e de que em geral nenhum objeto realmente existe sem um conceito, conclui daí que um entendimento infinito e ao mesmo tempo ativo teria de ser real, pois os predicados das coisas apenas podem ser importantes em relação à possibilidade ou realidade delas.

Visto que, de fato, há uma necessidade essencial na razão humana e sua disposição natural de dar, como que, com esta *pedra angular*, uma forma à sua abóbada, que paira livremente, assim esse traçado extremamente astuto da cadeia de nossos conceitos, na ampliação dela mesma até abarcar o todo, exige e dá, ao mesmo tempo, a ocasião mais admirável para a crítica completa de nossa pura faculdade da razão e para a distinção das condições meramente subjetivas de seu uso daquelas [condições] pelas quais é indicado algo válido do objeto.

Por isso, a filosofia pura deve necessariamente triunfar, posto também que, após um exame completo, resultaria de a ilusão, que se intromete aqui, ser uma aparente conquista no campo de objetos muito distantes, o que, contudo, poderia ser apenas a orientação do sujeito (embora muito útil) entre os objetos que nos rodeiam bem de perto.

Essa última herança de uma metafísica *dogmatizante* pode, ao mesmo tempo, ser vista como o produto mais acabado dela, tanto com respeito à encadeada conexão, como também à excepcional clareza na sua representação e como monumento, que nunca perde seu valor, à sagacidade de um homem que conhece toda a força do modo de conhecimento por ele adotado e em sua autoridade, na qual uma crítica da razão, que duvida do afortunado progresso de tal procedimento, encontra desse modo um exemplo duradouro para pôr à prova seus princípios, a fim de confirmá-los ou rejeitá-los.

Immanuel Kant

Versão original:

An Christian Gottfried Schütz (Ende Nov. 1785)

215

Ogleich das Werk [„*Morgenstunden*“] des würdigen M[*endelssohn*] in der Hauptsache für ein Meisterstück der Täuschung unsrer Vernunft zu halten ist, wenn sie die subjectiven Bedingungen ihrer Bestimmung der Objecte überhaupt, für Bedingungen der Möglichkeit dieser Objecte selbst hält, eine Täuschung, die in ihrer wahren Beschaffenheit darzustellen, und den Verstand davon gründlich zu befreyen gewiss keine leichte Arbeit ist; so wird doch dieses trefflich Werk [von Mendelssohn] ausserdem, was in der Vorerkenntniss über Wahrheit, Schein und Irrthum, Scharfsinniges, Neues, und musterhaft Deutliches gesagt ist, und was in jedem philosophischen Vortrage sehr gut angewandt werden kann, durch seine zweyte Abtheilung, in der Kritik der menschlichen Vernunft von wesentlichem Nutzen seyn.

Denn da der V.[*Verfasser*] in der Darstellung der subjectiven Bedingungen des Gebrauchs unserer Vernunft endlich dahin gelangt, die Schlussfolge zu ziehen, dass nichts denkbar sey, ohne sofern es von irgend einem Wesen wirklich gedacht wird, und überhaupt ohne Begriff kein Gegenstand wirklich vorhanden sey [s. 303] und daraus folgert, dass ein unendlicher und zugleich thätiger Verstand wirklich seyn müsse, weil nur in Beziehung auf ihre Möglichkeit oder Wirklichkeit Prädicate der Dinge von Bedeutung seyn können; da auch in der That in der menschlichen Vernunft und ihren Naturanlagen ein wesentliches Bedürfniss liegt, gleichsam mit diesem Schlußsteine ihrem freischwebenden

Gewölbe Haltung zu geben, so giebt diese äusserst scharfsinnige Verfolgung der Kette unsrer Begriffe, in der Erweiterung derselben bis zur Umfassung des Ganzen die herrlichste Veranlassung und zugleich Aufforderung zur vollständigen Kritik unsers reinen Vernunftvermögens, und zur Unterscheidung der bloß subjectiven Bedingungen ihres Gebrauchs von denen, dadurch etwas vom Objecte gültiges angezeigt wird.

Dadurch muss denn reine Philosophie nothwendig gewinnen, gesetzt auch, dass es sich nach vollendeter Prüfung ergäbe, dass hier Illusion sich einmische, und etwa scheine Eroberung im Felde sehr entlegener Objecte zu seyn, was doch nur (ob zwar sehr nützliche) Leitung des Subjects unter uns sehr nahe umgebenden Gegenständen seyn möchte.

Man kann dieses letzte Vermächtniss einer *dogmatisirenden Metaphysik* zugleich als das vollkommenste Product derselben, so wohl in Ansehung des kettenförmigen Zusammenhangs, als auch der ausnehmenden Deutlichkeit in Darstellung derselben ansehen, und als ein nie von seinem Werthe verlierendes Denkmal der Scharfsinnigkeit eines Mannes, der die ganze Stärke einer Erkenntnissart, der er sich annimmt, kennt, und sie in seiner Gewalt hat, an welchem also eine Kritik der Vernunft, die den glücklichen Fortgang eines solchen Verfahrens bezweifelt, ein bleibendes Beyspiel findet ihre Grundsätze auf die Probe zu stellen, um sie darnach entweder zu bestätigen, oder zu verwerfen.

Immanuel Kant

216

Referências

JACOBI, F. H. *Sobre la Doctrina de Spinoza en cartas al señor Moses Mendelssohn* (1785/1789). In: _____. (1995) *Cartas a Mendelssohn*. David Hume. Carta a Fichte. Trad. José Luis Villacañas Berlanga. Madrid: Biblioteca Universal, 1995, pp. 295-475.

KANT, I. *Akademieausgabe von Immanuel Kants Gesammelten Werken: Bände und Verknüpfungen zu den Inhaltsverzeichnissen*. AA X, Briefwechsel 1785, Seite 428-429. 1968. Acessado em 20/04/2021. Korpora.zim.uni-duisburg-essen.de/kant/verzeichnisse-gesamt.html.

_____. *Correspondencia*. Trad. Mercedes Torrevejano. Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”, 2005.

_____. *Correspondence*. Trad. Arnulf Zweig. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 237-239.

MENDELSSOHN, M. *Morgenstunden oder Vorlesungen über das Daseins Gottes*. Stuttgart: Reclam, 1979.

_____. “Horas Matinales o Lecciones acerca de la existencia de Dios. (Primera Parte, Extractos)”. In: MENDELSSOHN, M. [... et al]. *El ocaso de la ilustración: la polémica del*

KANT, I.

spinozismo. Trad. María Jimena Solé. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes/Prometeo, 2013, p. 236-283.

Submissão: 08. 10. 2021 / Aceite: 20. 10. 2021